

O NOVO DESAFIO DE OSMAN LINS

Apresentação de trechos do romance inacabado do escritor

O escritor Osman Lins (1924-1978) deixou, ao falecer, o romance inacabado (138 páginas) que a princípio chamou, provisoriamente, para efeito de trabalho, de *A cabeça e o corpo*. Depois, durante o desenvolvimento da obra, mudou esse título para *A cabeça levada em triunfo*, não o considerando, ainda, definitivo.

Ao contrário do que costumava fazer, Osman Lins não criou para este livro nenhum plano básico. Afirmou mesmo, mais de uma vez, que esse romance seria escrito sem uma estrutura inicial. A estrutura iria se formando ao longo da obra. Para o autor de *Avalovara*, isso surpreende. Ao iniciar *Avalovara*¹, ele sabia exatamente quantos episódios teria o romance, quantas linhas haveria em cada episódio, assim por diante. Em algumas entrevistas afirmou, em relação a *Avalovara* e a algumas de suas narrativas, que escrevia como se colocasse leões dentro de jaulas, isto é, aprisionando emoções em esquemas geométricos. Para ele as emoções, assim, tornavam-se mais concentradas, sendo oferecidas aos leitores através de uma estética literária feita de paixão e rigor. Neste romance inacabado, sem prejuízo do rigor, Osman Lins abriu as jaulas para os leões circularem livremente pela história. Talvez ele mesmo, literariamente, sentisse a necessidade dessa libertação para escrever sobre temas difíceis como o da decadência física de um herói de sua infância e o comportamento de uma pequena cidade do interior de Pernambuco diante da cabeça, degolada, de um cangaço.

Essa cabeça chegou à estação de Palmares dentro de uma barrica, para ser exibida como um documento, brutal, da superioridade das chamadas *forças volantes* que procuravam acabar com o cangaço. A presença da cabeça impressionou, vivamente, às crianças da época e às pessoas sensíveis, de modo geral, numa ocasião em que os meios de comunicação ainda não haviam tornado banais atrocidades e assassinatos.

Alguns escritores que viram ou escutaram narrativas referentes a esse espetáculo passaram a pretender escrever sobre ele. Eram meninos quando as forças

1. LINS, Osman. *Avalovara*. 5. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

volantes percorreram o Nordeste devolvendo, com horror e espanto, a violência do cangaço. Um desses escritores foi Hermilo Borba Filho (1917-1976)²; o outro, Osman Lins. Combinaram escrever sobre o mesmo tema (eram amigos) certos de que criariam livros bem diferentes. Hermilo Borba Filho morreu antes de realizar essa intenção. Osman Lins tentou, mas não teve tempo para completar o livro. Corre, pelo imaginário do Nordeste, que esse tema não é para ser escrito.

A seleção destes trechos do romance inacabado de Osman Lins foi realizada tentando apresentar instantes bem característicos da narrativa. Através deles podem ser observados com nitidez a ambientação, o espaço romanesco da obra e a força do estilo do escritor.

Algumas cenas mostram José Apolinário velho, doente, mas capaz de transmitir ainda, ao parente que o visita, a espécie de *aura* que fizera dele, Apolinário, uma legenda, um ídolo. O capítulo também, aos poucos, vai se tornando um libelo contra as injustiças de nossas instituições assistenciais. *A cabeça levada em triunfo* liga-se nesse ponto a dois romances anteriores do autor: José Apolinário será um Bernardo em estado terminal, o Bernardo de *O fiel e a pedra*. E o problema da precariedade previdenciária foi abordado com ênfase por Osman Lins em *A rainha dos cárceres da Grécia*.

Em diversas de suas entrevistas e na biografia escrita por Regina Igel³, o escritor referiu-se sempre ao tio, na realidade Antonio Figueiredo, como a personagem rica de histórias, de invenção, de aventuras e magia que possivelmente o teria conduzido para a literatura. Colocar essa personagem tão ligada a sua infância e a seus sonhos em uma situação de tanta fragilidade e desamparo, como podemos ver neste episódio, foi também para Osman Lins um doloroso movimento de enfrentar, recordar e romper raízes bastante profundas de sua juventude. Ao mesmo tempo, na decadência física de José Apolinário há também a leitura da decadência do estado brasileiro onde a esperança para os mais pobres vai se desfazendo a cada dia, sem remédio, entre o desânimo, a indignação e o fim.

A escolha do segundo trecho caiu sobre o episódio em que a cabeça (que daria o título ao romance) encontra-se na estação de Palmares. As mesmas pessoas que haviam se reunido para receber rações (flagelados da seca) procuram então ver uma *carroça de mortos* mas deparam com uma estranha barrica que encerraria a cabeça de outra personagem forte, um Manuel Izidoro que ligaria, no livro, vários fios da trama.

Capítulos ou divisões de *A cabeça levada em triunfo* encontram-se como Osman Lins os deixou, mas não sabemos se seria essa a forma definitiva. Alguns

2. Hermilo Borba Filho, autor de contos, romances, ensaios, peças de teatro. Destaca-se em sua obra a tetralogia *Um cavalheiro da segunda decadência*.

3. IGEL, Regina. *Um biografia literária*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1988.

autores modificam a estrutura de um romance quando o revisam ou até a cada leitura, antes de entregá-lo ao editor. Com o espírito crítico e a exigência com que encarava sua criação, Osman Lins certamente ainda mexeria nestes trechos (embora os tivesse passado a limpo) e talvez dividisse (ou não) os episódios de alguma outra maneira. Essa será sempre a parte impossível de ser prevista. Mas acredito que a amostragem aqui oferecida dê uma idéia do mundo que Osman Lins criava.

Algumas vezes imagino que o fato dele não ter feito um plano para este livro faz parte de um plano maior, não consciente, onde se *sabe*, sem diretamente saber, para onde vão nossos caminhos. Em plataforma menos transcendente, penso que a técnica de escrever dessa vez sem estrutura estabelecida correspondeu à inquietação literária de Osman Lins, a sua necessidade de se renovar a cada romance, procurando sempre, para si mesmo, trilhas ainda não percorridas. Controlar leões soltos seria o novo desafio.

Julieta de Godoy Ladeira.